

SATÉLITES

O charme discreto do subúrbio

Livres do estigma de serem socialmente desprezadas as cidades-satélites abrigam artistas importantes

A pergunta é simples: morar em uma das 11 cidades-satélites que gravitam em torno do Plano Piloto é bom? A pergunta pode ser um pouco mais completa: ter o endereço residencial em um destes centros urbanos, que atendem por nomes curiosos como Sobradinho e Guará, bucólicos como Vila Paranoá, ou por neologismo como Ceilândia, pode ser de bom gosto? Afinal, estes centros, que agora passam a ser mais conhecidos como *administrações regionais* (que são 12, a propósito, porque o Plano Piloto também está incluído na lista) ficam longe, são servidos por um péssimo sistema de transporte, têm urbanização deficitária e, de

certa forma, carecem de quase tudo. Taguatinga, por exemplo, terceira cidade-satélite em número de habitantes (são 279.256 pessoas, vindo logo após do Plano Piloto e Ceilândia), arrecadou, em 1989, pouco menos de Cr\$ 19 bi-



lhões, e não tem sequer uma biblioteca, desconhece as livrarias, depreca os cinemas e não se importa com os teatros. Mas tem um shopping center de alto padrão e uma avenida comercial que serve a todo o Distrito Federal.

O caso, portanto, chega a ser dolorosamente típico. Se Taguatinga tem população e tem, sobretudo, dinheiro, e não oferece centros de circulação de produtos culturais para seus habitantes, isto significa que a população e investidores com poder aquisitivo para frequentar e construir centros comerciais, não está interessada em peças teatrais, filmes e livros. Diante deste panorama, na mesma época em que o Distrito Brasília completa seus 31 atropelados anos, quando a Secretaria de Cultura do Distrito Federal reserva uma verba de Cr\$ 350 milhões para as satélites, que ela própria designa de "carentes", faz sentido fazer outra pergunta: como os moradores do Plano Piloto e dos recantos nobres, como o Lago Sul e o Lago Norte, olham para seus vizinhos?

Ostracismo — Os planos-pilotenses, de maneira geral, olham para os taguatingueses, sobradinhenses, cruzeirenses e planaltinenses, com um certo preconceito social e acreditam que estas regiões são tão desagradáveis e inóspitas quanto o restante dos brasileiros, aliás, acredita que a própria Brasília. De certa forma, um preconceito empurra o outro. Mas aos 31 anos de idade, a Capital da República deveria mudar de atitude. Afinal, uma entidade cultural da cidade que percorre a passos largos a estrada do respeito e da celebridade, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, dirigida pelo maestro Sílvio Barbato, tem, por exemplo, um primeiro trompetista que mora em Sobradinho. Um de seus violonistas é da longínqua Ceilândia e o percussionista do grupo vive mesmo no Núcleo Bandeirante. E aí, é tão ruim assim viver nestas regiões afastadas? Os satelitenses estão mesmo destinados a viver no ostracismo, sem acesso a manifestações culturais? Enfim, as cidades-satélites são terras desprovidas de qualquer centelha criativa?

Enquanto na cidade de Estocolmo, Suécia,



Francisco Galeno, um dos mais importantes artistas plásticos da nova geração brasileira, mora em Brazlândia.

uma exposição coletiva apresenta, no momento, obras de artistas brasileiros da última geração, um destes artistas continua trabalhando com cores e pincéis em seu ateliê em Brazlândia. Trata-se de Galeno, ou Francisco de Fátima Galeno Carvalho, que também já frequentou a Feira de Paris e que, após algumas tentativas de morar no Plano Piloto, preferiu voltar para os confins do Distrito Federal. E por que, perguntariam alguns brasilienses espantados? "Porque é fundamental morar em Brazlândia", responde Galeno, que continua: "Quando eu vim para cá pela primeira vez, não tive escolha, era criança e fui obrigado a acompanhar meus pais. Mas foi aqui que aprendi a gostar de pintura". Acontece que muita gente se esquece, ou quase ninguém sabe, que é em Brazlândia que acontece a Festa do Divino, uma tradição de mais de cem anos, e é lá também que se encontra um dos melhores artesanatos do Centro-Oeste.

"Além disto", como deixa claro Galeno, "aqui tem seu Quincas, que trabalha com tótems, e tem Manuel Aires, que são referências importantes para o meu trabalho com pintura. É daqui que eu tiro toda minha inspiração. Não dá para morar em outro lugar. Nem quero". Então, o que têm os brasilienses a dizer quando um de seus mais importantes artistas foi criado, formou-se e montou o ateliê em uma cidade-satélite absolutamente distanciada, desconhecida e, sobretudo, desprezada? Se eles não pensam em nada diante do fato, deveriam: as qualidades do Distrito Federal não estão plantadas apenas no verdejante Plano Piloto. Brasília, aliás, é boa inclusive por causa desta característica "espalhada".

Na conturbada Taguatinga, para onde as boas famílias brasilienses se dirigem para fazer compras de móveis, acessórios para costura, peças para automóveis e que se orgulha de seu comércio, vive a escritora mineira Stela Maria Rezende. Dona de uma caneta fértil, considerada por muitos uma das maiores escritoras de literatura infanto-juvenil do

País, com 30 títulos publicados, quando lhe perguntam se ela já é editada no exterior, responde com a voz firme: "Por enquanto, não". E quando também lhe perguntam se ela pensaria em abandonar Taguatinga, ela responde sem pensar duas vezes: "De jeito nenhum". E ela se explica: "Gosto deste ambiente que tem algo de magia, de mistério". Mistério em Taguatinga? escandalizariam-se alguns. Sim: "Isto aqui lembra o interior de Minas Gerais, tem a vizinhança, é tranquilo, sossegado". E não é só isto: "Há boas pessoas, bons artistas, gente com muito potencial. É só ir atrás que você descobre".

Cães de Raça — Está formada a con-

fusão. Há pessoas que poderiam sair de suas desprestigiadas cidades-satélites e, mesmo assim, não saem? Por que elas não querem saber da ideia de morar no Plano Piloto? O diretor teatral Robson Graia, enquanto passeia pelas pacatas ruas do Guará II, debaixo de árvores generosamente frondosas, responde com um sorriso quase irônico nos lábios: "No Guará você encontra muito mais cães de raça do que no Plano Piloto. E sabe por quê? Porque aqui as casas são grandes e lá, na Asa Sul e na Asa Norte, os cachorros são vira-latas, pequenos, para caberem nos apartamentos". E continua o passeio ao lado de sua enorme cadela Fila, que faz com que

O lado ruim da coisa

S e a lua tem sua face oculta, se os discos lançados no mercado têm, quase invariavelmente, um lado ruim e um lado bom, é sensato acreditar que estes moradores das cidades-satélites, que encontram elogios para seus locais de residências, também vejam os defeitos. E aqui estão eles, ditos por mesmos admiradores, com conhecimento de causa: Preto Rezende, de Planaltina. "O crescimento da cidade não garantiu o desenvolvimento comercial e não garante apoio às artes. Somos carentes em lazer e não temos nem mesmo um teatro. Mas se faltam coisas, a gente dá um empurrãozinho".

Stela Maris Rezende, de Taguatinga — "Não temos teatro, bons cinemas, não temos biblioteca pública nem livrarias. Falta vida cultural, não há locais para encontros culturais. Não existe tradição entre os artistas e os intelectuais da cidade. E faltam conscientização e sensibilidade entre os moradores daqui. Tudo é muito voltado

para o comércio, para o consumo, e ninguém parece estar preocupado com as artes".

Miquéias Paz, da Cidade Ocidental — "Seria bom se fosse mais perto".

Galeno, de Brazlândia — "As pessoas não valorizam o que temos. Pouca gente daqui conhece o meu trabalho, por exemplo. Sou conhecido fora. Não tem cinema, não tem museu nem ginásio de esportes coberto".

Ralph Gehre, da Área Octogonal — "Ruim mesmo é este espírito de condomínio, de vizinhança excessiva. É uma área coletiva, mas não é especialmente desagradável, para ser honesto".

Robson Graia, do Guará II — "As pessoas não têm senso de posteridade. Cortam as árvores, fazem suas casas iguais às outras. O comércio é ruim".

Se eu precisar de uma caneta agora, não acho. Terei que ir ao Shopping ou ao Carrefour. E os moradores daqui acham que estas grades com lanças na ponta são sinal de status. Além disto, não há teatro, cinema e a Casa de Cultura fica à margem de um rio poluído com mato em volta. Acho que a Casa de Cultura deveria ficar em um lugar melhor".

os outros guaraenses mudem de calçada diante de sua visão. Robson Graia, na verdade, mudou-se para o Guará há quatro anos, vindo do Plano Piloto. "Ainda estou me acostumando, mas, no início, eu não sabia entrar em casa sem apertar o botão do elevador. Quando alguém gritava *Ô, de casa*, eu não entendia, não tinha registro". Portanto, mesmo trabalhando, diariamente, nos limites do Plano Piloto, ele prefere viver afastado: "Tenho mais conforto, mais espaço e mais tranquilidade. E é disto que estou precisando".

O mímico Miquéias Paz, quando volta de seus compromissos profissionais em Londres, Nova Iorque, Paris e Glasgow, onde apresenta-se com regularidade (no mínimo seis meses por ano), ao chegar ao aeroporto de Brasília, entra no táxi e avisa: "Cidade Ocidental, por favor". No início, como ele próprio confessa, não gostava. "Era resistência assumida, preconceito mesmo". Mas acontece que morar na Cidade Ocidental tem suas vantagens: "É bom para os meus dois filhos, que vivem em absoluta tranquilidade, sem o perigo de serem violentados por carros em alta velocidade". De qualquer forma, deve ser difícil viver em um lugar assim. É? "Sim, porque fica caro viver na Cidade Ocidental e trabalhar constantemente no Plano Piloto. A gasolina está cara, mas eu me mudei para cá quando houve a crise imobiliária e a compra da casa ficou barata. Mas parecia uma cidade fantasma, sem ninguém". E ainda lembra-se de citar: "Morar em uma cidade como esta não afeta em nada o meu trabalho ou a forma que ela possa vir a ter. Aliás, precisamos acabar com este preconceito com os subúrbios porque a bailarina norte-americana Martha Graham sempre morou em uma cidadezinha de interior e mesmo assim foi considerada uma das maiores artistas do século".

Portanto, o ator Preto Rezende, que recentemente esteve no palco da Sala Martins Penna para atuar em *Macbeth Ainda Mau-ser*, dos Irmãos Guimarães, pode ser considerado uma espécie de Martha Graham de Planaltina, cidade onde ele mora há 32 anos? É bom que seja assim, porque, de lá, ele não sai — é admirador de "suas manifestações folclóricas, dos casarões seculares, da gente boa da cidade". Além disso, é ele quem dirige a Via-Sacra de Planaltina há cinco anos. E não é só isto: "As personagens que eu interpreto no palco, tiro daqui. Os planaltinenses são o meu subsídio para criar". Mas não são estes os motivos, certamente, que fizeram com que o artista plástico Ralph Gehre se mudasse para a Área Octogonal há oito anos, depois de outros oito anos no Guará II. O motivo? "É um condomínio fechado, com toda a segurança. Mesmo que eu não usufrua deste conforto e desta segurança, porque tenho meu ateliê em outro lugar e passo o dia todo fora de casa, é bom para meu filho. Além disto, eu moro ao lado da área de abastecimento. É só atravessar a rua".

Portanto, os brasilienses que prestem atenção. Muitos de seus nomes célebres, muitos de seus notáveis, preferem as cidades-satélites e provam que, se existe mau gosto, ele está mesmo no fato de encerrar os subúrbios com indisfarçável desprezo e acreditar que os seus moradores são incapazes de ter uma participação ativa no capital da República. Os brazlandenses, guaraenses, bandeirantenses não são, como acredita a vã noção do Plano Piloto, um bando de anônimos que mora longe. Pelo contrário, eles mostram que as cidades-satélites não existem apenas como dormitórios, amarranhados de comércio ou depósito de casarões antigos. Existem também como caixa de ressonância do que se pensa, se faz e se cria no Distrito Federal.

■ Alexandre Ribondi